

PEDRAS, NOITES E POEMAS: A PALAVRA POÉTICA SEM TERRA COMO ARMA POLÍTICA

Lizandra Guedes¹

Resumo: Nestas breves reflexões, buscamos trazer o papel assumido pela Cultura e Arte na construção do projeto de Reforma Agrária Popular do Movimento Sem Terra (MST) e, em particular, a literatura produzida por sua militância, organizada na Frente Palavras Rebeldes. Tentando compreender como a literatura Sem Terra se coloca a serviço desse projeto, organizamos nossa investigação em quatro temáticas: 1) o papel da Cultura e da Arte no MST, ressaltando seu caráter organizativo e formativo; 2) a Frente de Literatura Palavras Rebeldes e as tarefas que assume para si; 3) o Programa de Reforma Agrária Popular como revolução cultural; 4) a parceria entre a Frente Palavras Rebeldes e o Setor de Gênero, como caso concreto, que nos permite trazer presente a potência emancipatória da literatura Sem Terra. Através da análise de documentos e da literatura produzida pelo próprio movimento social e por autores como Paulo Freire (2015), Antonio Gramsci (2000; 2006), Walter Benjamin (1985) e Anatoli Lunatchárski (2018), que tratam do papel da arte e da cultura nos processos revolucionários, visamos evidenciar o caráter de Revolução Cultural presente no projeto de Reforma Agrária Popular do MST, na medida em que pretende articular a formação da subjetividade a mudanças na matriz produtiva.

Palavras-chave: Cultura e arte; Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra; Revolução cultural; Reforma agrária; Arte e emancipação humana.

¹ Educadora popular, militante do Movimento Sem Terra, atuando na Coordenação Nacional do Setor de Gênero, e professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), no Curso de Pedagogia, no Campus de Imperatriz, na região Tocantina. Graduada em Pedagogia, mestre em Psicologia e doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), abordando o tema da relação entre educação e projeto de nação. Nas Artes, como amante das Letras, compõe a Frente de Literatura do MST, Palavras Rebeldes. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5184-0972>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8023480901937143> E-mail: lizandra.guedes@ufma.br

STONES, NIGHTS AND POEMS: THE LANDLESS POETIC WORD AS A POLITICAL WEAPON

Abstract: In these brief reflections, we seek to highlight the role played by Culture and Art in building the Popular Agrarian Reform project of the Landless Workers' Movement (MST) and, in particular, the literature produced by its activists, organized within the Frente Palavras Rebeldes (Rebellious Words Front). In an effort to understand how the Landless literature serves this project, we organized our investigation into four themes: 1) the role of Culture and Art in the MST, emphasizing their organizational and educational character; 2) the Frente de Literatura Palavras Rebeldes and the tasks undertaken; 3) the Popular Agrarian Reform Program as a cultural revolution; 4) the partnership between the Frente Palavras Rebeldes and the Gender Sector as a concrete case that allows us to highlight the emancipatory potential of Landless literature. Through the analysis of documents and literature produced by the Movement itself and by authors such as Paulo Freire (2015), Antonio Gramsci (2000; 2006), Walter Benjamin (1985), and Anatoly Lunatcharsky (2018) – who discuss the role of art and culture in revolutionary processes – we aim to highlight the character of Cultural Revolution present in the MST's Popular Agrarian Reform project, insofar as it intends to articulate the formation of subjectivity with changes in the productive matrix.

Keywords: Culture and art; Landless workers' movement; Cultural revolution; Agrarian Reform; Art and human emancipation.

Introdução

*Por isso é muito importante / o poema / pro
silêncio / ou pro grito / pra falar da ruína /
alguma coisa nova / o poema vem / rebelde.
(Frente Palavras Rebeldes, 2021, não
publicado)*

O presente artigo trata do papel que a Cultura e a Arte assumem no Programa de Reforma Agrária Popular proposto pelo Movimento Sem Terra (MST), buscando compreender como a palavra poética produzida por seus/suas escritores/as militantes, como força coletiva, se torna uma arma política na luta social empreendida pelo Movimento. Anatoli Lunatchárski (2018, p. 229) afirma que a “arte sempre pertenceu à superestrutura ideológica da sociedade e desempenhou papel ativo na luta de classes”, servido de forma inequívoca e determinada a interesses específicos.

Nesse sentido, procuramos investigar como a expressão literária própria dos Sem Terra, organizada por sua Frente de Literatura Palavras Rebeldes, faz avançar, intencionalmente, a formação das consciências, rumo à sociedade emancipada que almeja. Essa função só pode ser assumida ao considerar a compreensão do MST de que incidir sobre a estrutura econômica não é suficiente para a realização de seu projeto, exigindo uma dialetização entre infraestrutura e superestrutura (Freire, 2015) – o que dá um caráter cultural à revolução.

Assim, para que o Programa de Reforma Agrária Popular se efetive, é necessário forjar no agora novas relações humanas, que, baseadas numa realidade material desde já diferente, vivenciada nos assentamentos, apontem os caminhos para a emancipação. Tentando compreender como a literatura Sem Terra se coloca a serviço desse projeto, organizamos nossa investigação em quatro temáticas: 1) o papel da Cultura e da Arte no MST, ressaltando seu caráter organizativo e formativo; 2) a Frente de Literatura Palavras Rebeldes e as tarefas que assume para si; 3) o Programa de Reforma Agrária Popular como revolução cultural; 4) a parceria entre a Frente Palavras Rebeldes e o Setor de Gênero, como caso concreto, que nos permite trazer presente a potência emancipatória da literatura Sem Terra.

Através da análise de documentos e da literatura produzida pelo próprio MST e por autores como Paulo Freire (2015), Antonio Gramsci (2000; 2006), Walter Benjamin (1985) e Anatoli Lunacháski (2018), que tratam do papel da arte e da cultura nos processos revolucionários, visamos evidenciar o caráter de Revolução Cultural presente no projeto de Reforma Agrária Popular do MST, na medida em que pretende articular a formação da subjetividade a mudanças na matriz produtiva. Ou, como anuncia uma das palavras de ordem do Coletivo de Cultura: “Movimento Sem Terra, por terra, arte e pão!”.

Cultivando humanidade: o papel da Cultura e da Arte no MST

Debaixo da lona preta, na escuridão da noite, iluminado pelas fogueiras, o povo Sem Terra se reúne na construção do sonho de uma vida nova. Ali, onde “o impossível hoje é o possível amanhã” (Freire, 1992, p. 92), se erguem territórios de esperança, em que a Arte e a Cultura ocupam um lugar importante na luta pela reforma agrária, empreendida pelo Movimento Sem Terra há mais de quatro décadas. Marcada pela tradição oral, principalmente as canções, as histórias e as poesias, a palavra poética povoa o cotidiano dos acampamentos e assentamentos, das atividades de formação, da infância à militância, dos espaços de reuniões de instâncias políticas e, ainda mesmo, os momentos mais duros e combativos da luta. Como nos conta Caldart (2017, p. 21–22), em seu *Sem Terra com poesia*,

[...] na longa, tensa e dolorosa espera por soluções oficiais, homens, mulheres e crianças, no calor insuportável ou no frio insalubre das lonas plásticas, passando fome e precariedade higiênica, sofrendo a violência constante, ora de jagunços, ora de policiais, não só encontram força para continuar entoando seus cantos, como também razão e sentimento para criar novos poemas e canções.

Contando as histórias dos primeiros dias da ocupação, cantando as tarefas que temos a cumprir, versando os princípios e os valores da Organização, entoando em uníssono o hino que convoca à luta, animando as

fileiras com “palavras de ordem”, os(as) Sem Terra recorrem à arte para forjar sua identidade e reafirmar as formas de organização e de luta do MST. Nesse sentido, o lugar da Cultura e da Arte no Movimento não é “apenas meramente ornamental, pois esteve desde o início associado a uma função prática, de cultivo de uma experiência vivenciada em que a arte se manifesta como dado orgânico da vida social” (Araújo *et al.*, 2018, p. 4).

A tradição marxista nos ensina que a Cultura “representa a produção material e espiritual da existência” (Bogo, 2009, p. 27), ou seja, está vinculada às nossas necessidades do estômago e do espírito, gerando um modo de viver, coletivo e individual, uma ética, que se materializa como prática de valores. Aqui, a palavra escrita, como uma arma das artes, desempenha um importante papel na luta de classes, na medida em que assume “a forma de uma luta pela construção de um novo modo de vida” (Lunatchárski, 2018, p. 142). É na força da palavra que a coletividade Sem Terra encontra um “fator determinante na construção de seres humanos emancipados, capazes de refletir sobre suas condições de vida, e de se organizar para lutar contra a desigualdade, a falta de terra, a fome, a falta de educação e de direitos” (Araújo *et al.*, 2018, p. 2).

Nesse campo, se situa a literatura social produzida pelo MST, pretendendo atender, como propõe Antonio Cândido (1995), à necessidade humana de compreender os sentimentos, mas também de elaborar sobre a sociedade em que vivemos e os horrores e violências cometidas pelo capitalismo para se reproduzir, permitindo que nos posicionemos frente à realidade. Recorrendo mais uma vez a Paulo Freire, “não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído, política, estética e eticamente, por nós, mulheres e homens” (2015, p. 127).

Enfileirar-se ao MST, mais do que proporcionar a sensação de pertencimento a uma coletividade, amplia a capacidade de sonhar com um outro mundo possível, que se ainda não é, pode ser construído pela luta concreta, desde já, como um vir a ser; aquilo que Freire (2015, p. 221) nomeia como o inédito viável, um sonho possível de ser construído. A projeção da reprodução da vida no território, nos assentamentos de reforma agrária, funcionaria aqui como um anúncio de um futuro (*Ibidem*, p. 127), embrião do socialismo almejado

pelo Movimento Sem Terra, no qual se torna possível forjar novas relações entre os seres humanos e com a natureza, ou seja, novas formas de materializar a existência individual e coletiva, uma nova cultura. Nas palavras do Coletivo Nacional de Cultura do MST,

[...] a reflexão da cultura está relacionada também à prática de nossos valores como indivíduos comprometidos com o bem-estar de todos, comprometidos com os princípios da justiça, da igualdade e do bem comum e relacionada com os valores sociais, coletivos, que nosso movimento defende, que precisa estimular e divulgar em todas as partes da sociedade. (MST, 2009, p. 8)

Quando anuncia seus objetivos, sintetizados em Terra, Reforma Agrária e Transformação Social via o Socialismo, o Movimento Sem Terra também anuncia que todo processo formativo e organizativo, nas diferentes esferas de atuação do Movimento, se conecta aos objetivos do Movimento, delimitando, também, o papel que a Arte e a Cultura devem cumprir. Aqui, a Cultura é assumida como processo formativo, em que “as manifestações culturais por meio do trabalho, da linguagem e das relações sociais, dentre outras, irão formar a consciência social dos Sem Terra” (Bogo, 2009, p. 11).

Nesse sentido, a literatura, como manifestação cultural presente desde as origens do MST, é compreendida como uma importante forma de construção orgânica e identitária dos sujeitos Sem Terra. Segundo Roseli Caldart (2017, p. 111–128), uma destacada intelectual orgânica do Movimento, a literatura cumpre uma tripla função, ocorrendo de forma *simultânea e articulada* na materialidade cotidiana do Movimento:

- Função de Animação: dimensão presente no conjunto de atividades do Movimento – do trabalho e lazer nos territórios às reuniões políticas –, compreendida como ânimo para a ação, para seguir em luta diante das dificuldades enfrentadas. Esse seria o momento de transformação da luta social em festa, em que se dá a mediação entre o emocional e o racional. Uma lição de como lutam os Sem Terra, que alavanca a formação de uma identidade coletiva, muitas vezes mais potente que o discurso político;

- Função Pedagógica: embora a própria animação já tenha em si uma função pedagógica, Caldart (2017) se propõe a pensar no caráter propriamente educativo da poética, como instrumento de conscientização política, de reapropriação cultural e de autoafirmação do Sem Terra enquanto sujeito produtor de cultura – função sintetizada pela autora através da afirmação “o Sem Terra se educa também enquanto produz versos” (p. 117);
- Função Política: recorte feito a partir do papel que a poética pode cumprir no processo de organização estratégica da luta global, dentro e fora do Movimento; desta feita, ela é responsável, a um só tempo, pela união simbólica em torno de uma luta comum, pelo diálogo com a sociedade acerca do projeto de reforma agrária defendido pelos Sem Terra e também pela demonstração de força política, em casos de confronto direto com o Estado ou inimigos de classe, na qual principalmente os hinos de luta expressam a união e a força do povo.

Essa valiosa síntese das funções assumidas pela literatura para dentro e para fora do MST – na qual a forma poética do discurso permite a elaboração de experiências individuais e coletivas, articulando organização política e exercício da arte forjada na luta social (Araújo *et al.*, 2018, p. 1) – aponta para mais uma função, que, de certo modo, engloba as demais: a disputa por hegemonia (Gramsci, 2006). Assim, para além de seu potencial humanizador, através da educação dos sentidos (Candido, 1995), a obra literária assume, intencionalmente, a função de “combate ideológico, de desmitificação, apresentando uma crítica das situações de injustiça social” (Araújo *et al.*, 2018, p. 4).

O reconhecimento da perspectiva política da literatura produzida no Movimento Sem Terra dá à palavra poética uma função contra-hegemônica, que assim se assume mesmo quando não trata diretamente do socialismo ou denuncia as mazelas do capital no campo, pois seu conteúdo é fruto da luta social e aborda as necessidades desse projeto (Yochida, 2019).² Para que se constitua o pensamento contra-hegemônico, ou como diria Mészáros (2008, p. 18), a “transcendência positiva da autoalienação do trabalho”, não basta a crítica

² Fala realizada na Oficina Nacional da Frente de Literatura Palavras Rebeldes do MST, realizada na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), em 13 de março de 2019.

à realidade, pois a construção do novo ser social implica numa prática política apta a convencer os outros da necessidade de uma mudança, que, se racional, agregará um número cada vez maior de pessoas.

Ciente da importância da batalha das ideias, o Movimento se propõe a ser um organizador da Cultura em diversas frentes, como a música, as artes visuais, as artes cênicas, o audiovisual e a literatura, vinculadas organicamente ao Coletivo Nacional de Cultura do MST. A seguir, nos debruçaremos mais detidamente sobre a frente de literatura e o papel que cumpre no Movimento.

Poesia é flor, mas pode ser pedra: a Frente Palavras Rebeldes

A Frente Palavras Rebeldes (FPR) é uma frente de literatura do MST, criada em 2015, composta por pessoas organizadoras da literatura e escritores/as militantes. Embora tenha nascido a partir de uma tarefa concreta³, demandada pelo Coletivo Nacional de Cultura, o balanço realizado pela Frente, em 2019 (MST, 2019a),⁴ aponta que foi criada no bojo das contradições geradas pela crise do capital neste último ciclo, no qual a batalha das ideias e a (de)formação da consciência assumem centralidade política. Nesse sentido, seu surgimento responde às necessidades de um novo ciclo da luta de classes, pretendendo se vincular “ao desafio deste tempo histórico, aos gargalos da conjuntura, mas também de combate às cadeias regressivas em curso, consequências da formação social e do aprofundamento das crises sociais do próprio capital” (MST, 2019a, p. 9).

Na análise desse coletivo, a luta política atual, travada tanto pelo Movimento, como pela esquerda de modo geral, necessitaria de uma renovação no uso das linguagens, ampliando sua capacidade de intervenção na realidade. Caberia, então, a um conjunto de artistas-militantes o desafio de construir novas

³ Trata-se da organização de coletâneas de poesia para agitação e propaganda, tarefa que ficou a cargo de um grupo de militantes de diversos estados, de uma forma ou outra vinculados ao trabalho com a poesia (Araújo *et al.*, 2018, p. 13).

⁴ Documento apresentado na Oficina Nacional da Frente de Literatura Palavras Rebeldes do MST, realizada na ENFF entre os dias 10 e 19 de março de 2019.

possibilidades estéticas e formativas, oxigenando o fazimento cotidiano do Movimento Sem Terra.

A ideia de um artista-militante não é novidade nos movimentos revolucionários, sendo o Proletkult⁵ e sua estrondosa capacidade organizativa da cultura proletária uma importante referência para o MST. No entanto, do ponto de vista teórico, o Movimento se fundamenta principalmente nas reflexões de Walter Benjamin (1985) acerca do papel do escritor(a) na socialização dos meios de produção intelectual e, mais do que isso, como participante ativo na construção de caminhos para organizar os trabalhadores no próprio processo produtivo. Ademais, o conceito de intelectual orgânico, criado por Antonio Gramsci (2000), também é basilar, pois dele se desdobra o “artista-orgânico”: o militante Sem Terra é organizador(a) e produtor(a) de uma cultura capaz de disputar o simbólico, desnaturalizando a cultura hegemônica burguesa.

Segundo Caldart (2017), o movimento dialético que aproxima, no MST, arte e luta, atribui à atividade artística um novo sentido, desmistificador daquele que lhe é atribuído no capitalismo, comprometendo o(a) artista organicamente aos processos históricos e concretos de transformação social. Como nos ensina Marx (2008), as revoluções sociais decorrem da contradição entre as forças produtivas e as relações de produção, e a consciência disso se dá no âmbito da superestrutura, ou seja, nas formas “jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, em resumo, as formas ideológicas pelas quais os homens tomam consciência desse conflito e o conduzem até o fim” (p. 14). A tarefa proposta aos/as artistas-militantes se alinha a essa compreensão, considerando que são convocados/as a assumir para si o desafio de, a um só tempo, fortalecer a tradição literária Sem Terra e impulsioná-la como força combativa expressiva na luta contra-hegemônica (Araújo *et al.*, 2018).

Essa não é uma tarefa fácil, pois como bem observa Marilena Chauí (1980), em seu livro *Cultura e democracia*, o advento da indústria cultural envia as consciências, desqualificando as formas populares de cultura e oferecendo em seu lugar “a banalização da cultura dominante, que escamoteia o significado

⁵ Proletkult é o nome dado ao movimento artístico e educacional que aconteceu no início do séc. XX, na União Soviética, visando à construção de uma cultura da classe trabalhadora. Tratava-se de uma ação massiva, que em 1920 contava com mais de 400 mil membros atuantes.

crítico das produções culturais que se erguem contra a cultura vigente" (Chauí, 1980, p. 137). Nesse sentido, o trabalho militante de artista exige o comprometimento integral com a causa, que se materializa num intenso e permanente trabalho de base através da literatura, influenciando na formação e humanização da base social, sugerindo novas relações humanas nos territórios e aprofundando a construção do projeto de Reforma Agrária Popular preconizado pelo Movimento (MST, 2018, p. 4).

O amadurecimento do Coletivo de Cultura em relação ao papel que militantes-artistas e artistas-militantes devem cumprir no interior do Movimento deu condições para que a organicidade também passasse a orientar a ação política e coletiva desses(as) escritores(as) (MST, 2019b). É assim que surge a Frente de Literatura do MST Palavras Rebeldes, que, em seu documento de definição do caráter e das linhas políticas e de ação (*Ibidem*) apresenta quatro eixos de atuação:

1. Organização da literatura no MST, ampliando a participação de militantes que escrevem e de seu repertório como forma de potencializar o trabalho com literatura na formação;
2. Estudo e elaboração sobre a literatura e as formulações do próprio MST, qualificando a FPR como um coletivo de leitores(as), escritores(as) e formadores(as);
3. Intervenção, entendida como um eixo transversal, apostando na fusão das linguagens como forma de potencializar a arte contra-hegemônica e de experimentar, ampliar e construir metodologias de trabalho com a literatura;
4. Produção, a partir da criação de espaços de experimentação da escrita literária, organizada e intencionalizada, com escritores/as do MST.

Ao longo de seus dez anos de existência, a Frente de Literatura Palavras Rebeldes vem cumprindo sua tarefa, materializada em diversas experiências – que vão da produção de material de subsídio para formação ao desenvolvimento de processos de composição coletiva da escrita, passando pela organização de coletâneas, pela criação de metodologias de oficinas de literatura e pela produção audiovisual. Embora a Frente seja organicamente vinculada ao

Coletivo Nacional de Cultura, ela reúne em si uma militância de atuação ampla, inserida em diversas instâncias e tarefas do MST. Esse caráter lhe dá a possibilidade estratégica de dialogar com as linhas políticas e ações de diversos setores e coletivos⁶, fazendo com que “sua atividade produtiva seja de utilidade e fortaleça o movimento e a atuação dos militantes-escritores onde quer que eles estejam” (MST, 2019a, p. 10). Este aspecto da FPR, que permite a atuação conjunta com outros setores, potencializando processos formativos e fazendo avançar o conjunto do Movimento, será debatido adiante, mais especificamente a parceria entre a Frente e o Setor de Gênero. Mas antes disso, vamos nos deter brevemente no Programa Agrário do MST, buscando trazer elementos daquilo que lhe tem feito avançar como um programa cultural e emancipatório.

Reforma Agrária Popular: emancipação humana e revolução cultural

O Movimento Sem Terra, ao longo de sua trajetória, foi alargando, aprofundando e complexificando sua compreensão acerca de um conjunto de temas importantes para construção de seu projeto de campo e de sociedade, materializado em seu Programa Agrário (MST, 2025b). Atualizado, entre os anos de 2023 e 2025, através de intensos debates internos, pautados pela materialidade da luta e pelas contradições que a atravessam, o Programa Agrário traz elementos importantes para compreendermos o projeto de Reforma Agrária Popular preconizado pelo MST. Nesse sentido, gostaríamos de destacar três temáticas que atravessam a atualização do programa, bem como nos ajudam a compreender sua concepção de emancipação humana e o lugar da revolução cultural nele.

O primeiro tema que gostaríamos de destacar é elaboração teórica do Movimento acerca da mudança do caráter da Reforma Agrária em seu programa. Em 2014, no VI Congresso Nacional do MST, o Movimento apresenta a tese de

⁶ Na organicidade do MST, os setores e coletivos são os principais responsáveis pela materialização das linhas políticas do Movimento nas mais diversas dimensões de atuação, num processo que articula desde os territórios às ações nacionais. Hoje estão consolidados dez setores — Formação, Educação, Finanças, Frente de Massas, Produção, Internacionalismo, Saúde, Gênero, Direitos Humanos e Comunicação — e três Coletivos — Juventude, LGBTI+ e Cultura.

que, no Brasil, a Reforma Agrária clássica burguesa foi sepultada, no final do século XX, pelo próprio capitalismo. Esse processo decorreu de vários fatores, como: a supremacia do capital financeiro sobre o capital produtivo, a globalização e a divisão planetária da produção. Nesse cenário, a economia brasileira foi incorporada ao mercado internacional como mera exportadora de *commodities*, de modo que a Reforma Agrária passou a ser um entrave para o desenvolvimento do capitalismo, gerando mais concentração de terras, fome e desigualdade social.

É no cerne das contradições geradas pelo próprio desenvolvimento do capital que o MST enxerga as condições objetivas e subjetivas para a elaboração de seu projeto para o campo – a Reforma Agrária Popular. Principalmente na sua última atualização, a revolução cultural assume lugar de destaque, combinando “a defesa e o cuidado com a natureza, a agroecologia como modelo de produção e de relações sociais e a **Reforma Agrária como revolução cultural**, como caminho para a emancipação humana e projeto de país” (MST, 2025b, p. 3, grifo nosso).

Essa leitura também é fortalecida pela complexificação da visão do Movimento sobre quem são os sujeitos que compõem sua base social e a da classe trabalhadora em geral, segundo aspecto importante de ser notado. O Movimento aos poucos vai se distanciando de uma leitura clássica da esquerda, na qual considerar as identidades dos sujeitos em luta dividiria a classe trabalhadora; ele se aproxima de uma compreensão na qual o gênero, a cor, a orientação sexual e a etnia, entre outras questões, são importantes a considerar na organização da luta política. Essa análise permite um salto qualitativo nas ações do Movimento, pois, ao diminuir os riscos de reificação das identidades sob o imperativo econômico (seu caráter de classe) – elemento estruturante, mas não exclusivo da luta de classes –, possibilita

[...] apontar novos roteiros de luta e perspectivas de futuro, incluindo a construção de novas relações humanas, que não pode ser incorporada como uma leitura setorial, no item do Setor de Gênero, do Grupo de Estudos de Terra, Raça e Classe ou Coletivo LGBTI+, mas deve compor estruturalmente o nosso Programa Agrário. (MST, 2024, p. 31–32)

Vale ressaltar que essa compreensão tem sua matriz na própria materialidade do Movimento, a partir do processo de auto-organização dos sujeitos que o compõem e que sempre estiveram presentes em sua base social. Primeiro, as mulheres a se organizaram, tendo como ápice o ano 2000, data de fundação do Setor de Gênero; em seguida, veio a constituição do Coletivo LGBTI+ em 2015; mais recentemente, em 2017, houve a criação do Grupo de Estudos Terra, Raça e Classe, que ainda não se consolidou enquanto coletivo na organicidade do Movimento.

Esse processo suscitou ações e reflexões extremamente ricas sobre as interconexões entre classe e identidade. O MST foi provocando a pensar sobre machismo, heteronormatividade, racismo, entre outras questões que flagelam os seres humanos. Além disso, foi possível discutir como as relações de exploração e opressão se articulam e se reproduzem no interior da própria Organização, da base a militância.

Enxergar a classe trabalhadora, não como um bloco homogêneo, mas no movimento das contradições sociais que formam os sujeitos da classe, e aprofundar nossa compreensão sobre como a violência incide de formas distinta sobre esses diferentes sujeitos, é desafio fundamental para avançarmos na construção de um projeto de Reforma Agrária Popular numa perspectiva emancipadora. (MST, 2018, p. 9)

Essa afirmação nos leva ao terceiro e último elemento a ser destacado, que, ao nosso ver, é um desdobramento dos dois anteriores: a superação de uma leitura hierarquizada, e consequentemente etapista (em relação às tarefas de construção de um processo revolucionário), da relação entre infraestrutura e superestrutura e entre exploração e opressão. Ao afirmar que 1) o desenvolvimento do capitalismo se dá somente às custas de muita violência contra os seres humanos e a natureza e que 2) a realização plena da emancipação humana necessita tanto do rompimento com um modelo produtivo como com todos os elos de dominação que o sustentam, a Reforma Agrária Popular preconizada pelo MST se assume como:

[...] anticapitalista, combater à exploração nas relações de trabalho e na natureza, antirracista, combater as opressões raciais e étnicas em todos os níveis, antipatriarcal, combater a

opressão e dominação de gênero, e antiLGBTIfóbica, combater as opressões em relação à diversidade sexual e identidade de gênero. (MST, 2025b, p. 44–45)

Pensamos que é então que a Reforma Agrária Popular reafirma seu caráter de Revolução Cultural: quando articula a formação da subjetividade a mudanças na matriz produtiva. Trata-se de um processo que já está em curso, pois “o projeto de sociedade a ser construído deve nascer antes de a revolução acontecer em sua totalidade, e ir sendo construído já na luta concreta pela transformação total” (Bogo, 2009, p. 68). Caberia, então, aperfeiçoar a construção da existência social nas áreas de reforma agrária, combinando a produção de alimentos saudáveis à construção de uma nova cultura, de relações não violentas entre os seres humanos e com a natureza, livres de exploração e de todas as formas de dominação.

A Reforma Agrária Popular deve promover uma revolução cultural, construindo experiências concretas que potencializem novas formas de sociabilidade, vivenciadas coletivamente no cotidiano, que rompa com a desconexão entre ser humano e natureza, superando a desumanização da vida e as contradições do capitalismo, do racismo e do patriarcado. (MST, 2025b, p. 39)

Como afirma Celso Frederico (2025), em sua obra *Ideologia, cultura e marxismo*, a Revolução Cultural pode ser compreendida como uma revolução dentro da revolução, fazendo da revolução um processo sem fim, com início antes da tomada do poder pela classe trabalhadora. O programa cultural do MST seria o próprio programa de Reforma Agrária Popular (Bonassa, 2019). Quanto mais este projeto se alarga e se aprofunda ou quanto mais seus objetivos se ampliam, na direção de transformações mais radicais da sociedade, do modo de existência social e ecológica da humanidade, mais possibilidades de aproximação à perspectiva omnilateral da formação humana, expressão e projeto da sociedade futura (Oliveira; Moreti, 2019). Como anuncia em seu Programa de Reforma Agrária Popular:

A nós interessa que as pessoas possam ter tudo aquilo que necessitam para viver com dignidade, o que também implica na liberdade de ser quem se é e de amar quem quiser, sem sentir medo ou constrangimento, desenvolvendo o máximo das suas

potencialidades. É um sonho de liberdade coletiva, um lugar bom de se viver, feito de uma construção coletiva e diária que anuncia a nova sociedade. (MST, 2025b, p. 39)

Portanto, o Movimento afirma que seu objetivo é a Emancipação Humana e a Reforma Agrária Popular o caminho até ela, onde a arte – e aqui em especial a literatura – pode intencionalmente cumprir um papel contundente na formação das consciências, possibilitando a vivência de relações emancipatórias.

Na próxima seção, pretendemos evidenciar uma ação cultural realizada em conjunto entre a Frente Palavras Rebeldes e o Setor de Gênero, que nos parece poder exemplificar o papel formativo que a literatura assume no Movimento Sem Terra.

Conspiração dos Gêneros: a nós interessa a emancipação

O ano de 2016 marca o início dos trabalhos da Frente Palavras Rebeldes sob demanda, fruto do diálogo com o Setor de Gênero sobre a necessidade de produção de contos/crônicas e narrativas que cumprissem o papel de subsidiar a formação e a reflexão sobre as violências sofridas por mulheres e meninas no interior da Organização. Trata-se de um momento bastante importante para o Setor de Gênero, posto que é o período em que se inicia a atualização de suas linhas políticas, bem como o planejamento e a execução de um conjunto de ações que recolocam em pauta o enfrentamento às violências, principalmente as de gênero.

Se o ano 2000 é o marco de constituição do Setor de Gênero, está longe de ser o ponto de partida para pensarmos sobre a participação das mulheres no MST, tampouco seu processo de auto-organização no Movimento. As mulheres Sem Terra, presentes ao lado dos homens desde as primeiras ocupações, sempre exigiram o reconhecimento de sua importância na luta por reforma agrária e seu direito à organização. Tanto que, já na I Assembleia de Mulheres do MST, realizada no primeiro congresso do Movimento em 1985, decidem

constituir grupos de mulheres na base, sementeira de processos formativos e de sua auto-organização.⁷

De lá para cá, regadas à muita organização e luta, as mulheres Sem Terra tiveram diversas conquistas que fizeram avançar o conjunto da Organização, como: a criação de algumas condições para sua participação política; a fundação do Setor de Gênero; a massificação do debate sobre gênero e feminismo numa perspectiva marxista, materializada também em ações; a conquista de direitos e políticas públicas; a paridade de gênero nas instâncias políticas e o protagonismo em vários processos de mobilização e luta. Embora sejam avanços notáveis, reunidas em 2015, as mulheres dirigentes nacionais apontam para um recuo na participação feminina nos espaços organizativos, bem como a permanência da violência de gênero tanto nos territórios como nas instâncias políticas (MST, 2018).

Esse contexto dá início ao encontro entre Gênero e FPR, quando a Frente é convocada a elaborar os primeiros textos abordando questões de gênero, dando origem, ainda em 2016, à coletânea *Não dou a outra face*. A Coletânea é a matéria-prima para a construção coletiva do Caderno de Formação n.º 6 do Setor de Gênero, *A conspiração dos gêneros*⁸, publicado em 2018. Seu fazimento envolveu muitas mãos e quase dois anos de atividades, entre saraus com mulheres para a seleção dos contos, em interlocução com a atualização das linhas políticas do Setor, debates com a Frente sobre os elementos estéticos e pedagógicos que as obras suscitaram nas companheiras e importantes ensaios práticos de como a literatura poderia contribuir para fazer avançar o processo de enfrentamento às violências no MST.

Antes mesmo da publicação do Caderno, a parceria entre FPR e Gênero foi se estreitando, guiada pela convicção que levou Anatoli Lunatchárski (2018,

⁷ Um importante documento para compreender a trajetória da participação das mulheres no MST é a Linha do Tempo construída a nível nacional, a partir da história oral de lideranças femininas, e complementada com uma breve análise do arquivo do Jornal Sem Terra e do Setor de Gênero do MST (2012). O primeiro documento, que realiza esta análise até 2011, vem sendo ampliado atualmente.

⁸ O caderno *Conspiração do Gênero* (2018) contém um conjunto de contos e microcontos, que estão em diálogo com as quatro dimensões (subjetiva, organizativa, subjetiva e econômica) em que as Linhas Políticas do Setor foram organizadas. Ele também carrega alguns textos que conversam sobre questões a serem aprofundadas, como a implicação dos homens no enfrentamento à violência e o debate de gênero e diversidade sexual nas escolas.

p. 142), analisando o papel da Arte na Revolução Russa, a afirmar que a literatura “(...) está convocada, sem dúvida alguma, a participar intensa e energicamente no processo de formação do novo homem e do novo modo de vida”. Assim, ainda em 2017, têm início as primeiras experimentações práticas do uso formativo da literatura para o debate das questões de gênero, focando o trabalho com os homens⁹ na produção de microcontos. Essa produção visava ser utilizada em reuniões, em intervenções e nas chamadas “Noites Antipatriarcais”.

Tanto os microcontos como os demais materiais produzidos têm seu esteio nas próprias vivências cotidianas do Movimento, naquilo vivido ou ouvido nos territórios onde circulam os(as) escritores(as) militantes. Pensamos que é daí que advém a força e a quase que imediata identificação dos sujeitos Sem Terra com aquilo que é narrado nas obras, dotando-as de grande potência formadora, pois, como afirma Walter Benjamin (1985, p. 198), “entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias reais cotadas pelos inúmeros narradores anônimos”. Aqui, os artifícies da literatura Sem Terra lançam mão daquilo que, segundo Lunatchárski (2018, p. 72), torna a sua obra mais original: a experiência coletiva – versando sobre as massas, para as massas e com a ajuda das massas.

Embora o eu lírico de grande parte das produções seja individual, podemos afirmar que, ao ter como matéria-prima a experiência – a sua e a dos outros – estes/as escritores/as militantes transcendem as vivências individuais em direção a uma vivência compartilhada, aproximando-se mais de um eu lírico coletivo. Benjamin (1985, p. 221) se pergunta se este não seria o ofício do escritor/a: trabalhar a experiência, “transformando-a num produto sólido, útil e único”, assumindo uma dimensão utilitária na medida em que, mesmo de forma latente, seja portadora de sabedoria coletiva.

⁹ Nesse mesmo ano foi realizada a primeira reunião nacional exclusiva com os militantes homens, na Coordenação Nacional do MST, em Fortaleza – CE, tendo como objetivo dar início às reflexões sobre o papel que deveriam assumir para superação do machismo e ao enfrentamento às violências produzidas pelo patriarcado, que também se reproduzem no interior do Movimento. Aqui é importante destacar a coragem do MST, que brota principalmente das mulheres e sujeitos LGBTI+, em apontar as próprias contradições: ao renunciarem à idealização do Movimento como um lugar “limpinho” e livre de violências, potencializam processos emancipatórios.

Essa sabedoria coletiva é materializada no Programa de Reforma Agrária Popular formulado pelo MST, com a Cultura e Arte como um dos pilares de sua construção, uma vez que anunciam ideias, afetos, valores e o projeto de mundo que se está a forjar (MST, 2025b). Paulo Freire (2015, p. 52) define esse momento – de anúncio do projeto histórico colocado em curso pela classe trabalhadora – como ação cultural, momento anterior à tomada do poder pela classe trabalhadora e que se faz presente também quando os/as camponeses/as “iniciam uma reflexão crítica sobre si mesmos, percebendo como estão sendo”.

Desse modo, reconhecemos que as produções literárias e os processos formativos desencadeados pela articulação entre a Frente Palavras Rebeldes e o Setor de Gênero podem ser identificados como ações culturais, que fazem avançar as consciências e apontam elementos da nova práxis. A compreensão de que é preciso cultivar também nossa humanidade – sendo a Arte e o enfrentamento às diferentes formas de violência imprescindíveis para a construção de relações humanas emancipadas – para efetivar a Reforma Agrária Popular (MST, 2025b) revela a importância de ações como esta para fazer avançar a revolução cultural. Afinal, já dizia o poeta Paulo Leminski (1991) que na luta de classes, todas as armas são boas: pedras, noites e poemas.

Considerações finais

Nestas breves reflexões, buscamos mostrar o papel assumido pela Cultura e pela Arte na construção do projeto de Reforma Agrária Popular do MST, especialmente a literatura produzida pela militância Sem Terra organizada na Frente Palavras Rebeldes. De modo geral, podemos afirmar que o trabalho com as letras no MST convoca, como preconizado por Antonio Cândido (1995, p. 186), a compreender a literatura como necessidade universal e direito humano inalienável, que dá forma aos sentimentos e à visão do mundo, além de, ao nos organizar, nos libertar do caos e, portanto, nos humanizar. Assim tem sido também nos processos de alfabetização em massa conduzidos pelo Movimento, nos quais “a experiência revolucionária que se descontina diante da possibilidade de fruição e da produção literária” (Percassi; Guedes, 2019, p. 26) cria condições coletivas de pensar sobre si, seu tempo e seu papel na sociedade —

potencializando a literatura como um instrumento consciente de desmascaramento das violências (Candido, 1995) a que a sociedade capitalista, patriarcal e racista nos submete.

Aqui, a literatura produzida por escritores/as militantes cumpre importante papel na luta de classes. Ela materializa a palavra poética como arma política na construção de outro modo de vida, de maneira a formar consciências e projetar a vivência de relações emancipatórias. Foi o que pretendemos demonstrar ao trazer presente o trabalho conjunto entre a Frente Palavras Rebeldes e o Setor de Gênero, no qual a produção sob demanda, ao invés de incorrer no utilitarismo, fortaleceu a intencionalidade formativa da obra e consolidou espaços organizativos da Cultura no MST (Caldart, 2018; Camargo, 2019).

Na atualidade, a parceria entre FPR e Gênero segue dando frutos, partilhados com o povo Sem Terra e com a sociedade em geral em muitas publicações, intervenções poéticas e espaços de formação. Da mesma forma, podemos afirmar que a Frente vem cumprindo com sua tarefa organizativa, de transformar artistas em militantes e militantes em artistas, massificando a literatura Sem Terra. Um belo e recente exemplo é o I Festival Literário do MST – Escrevivência Sem Terra, com mais de 650 obras inscritas, inclusive de crianças e jovens das escolas de assentamentos e acampamentos, o festival mostrou que os Sem Terra, mulheres em sua maioria, se reconhecem escritores e escritoras de literatura (MST, 2025a).

A poética Sem Terra nos fala do inédito viável, do impossível hoje para construir o possível amanhã; é força combativa e criativa na construção da Reforma Agrária Popular. Baseada na convicção de que ao Movimento Sem Terra interessa a emancipação, a revolução cultural que pretende construir se estrutura em torno do cuidado como um ato revolucionário, que muitas vezes tem início através da transformação das pequenas coisas (Bogo, 2009), como o poema, insistente em brotar em flor em meio às ruínas do capital, teimosamente anunciando a manhã, que virá!

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Julia *et al.* **A dinâmica do trabalho com literatura no MST: processos de assimilação e produção da forma literária.** 2018. Documento interno, Mimeografado. ENFF: São Paulo, 2018.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política.* São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p. 197–221. (Obras escolhidas, v.1).
- BOGO, Ademar. **O MST e a cultura.** São Paulo: Movimento Sem Terra, 2009.
- BONASSA, Juliana. Análise de conjuntura. *In: Oficina Nacional da Frente de Literatura Palavras Rebeldes do MST, 2019, São Paulo. Memória.* São Paulo: ENFF, 2019. Mimeografado. Não publicado.
- CALDART, Roseli. Percurso do trabalho com literatura no MST: produção, intencionalidades formativas, desafios. *In: Seminário de literatura nos processos formativos e educativos do MST, 2018, São Paulo. Memória.* São Paulo: ENFF, 2018. Roteiro de fala. Mimeografado.
- CALDART, Roseli. **Sem Terra com poesia: a arte de recriar a história.** São Paulo: Expressão Popular, 2017.
- CAMARGO, Iná. Estética e política. *In: Oficina Nacional da Frente de Literatura Palavras Rebeldes do MST, 2019, São Paulo. Memória.* São Paulo: ENFF, 2019. Mimeografado. Não publicado.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: CAMARGO, Iná. Vários escritos.* São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 169–191.
- CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia:** o discurso competente e outras falas. São Paulo: Editora Moderna, 1980.
- FREDERICO, Celso. **Ideologia, cultura e marxismo.** São Paulo: Expressão Popular, 2025.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para liberdade e outros escritos.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FRENTE PALAVRAS REBELDES. **O poema rebelde.** 2021. Não publicado.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere:** Maquiavel, notas sobre o Estado e a política. Volume 3, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**: os intelectuais, o princípio educativo, jornalismo. Volume 2, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEMINSKI, Paulo. **La vie em close**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LUNATCHÁRSKI, Anatoli. **Revolução, arte e cultura**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

MARX, Karl. **Para a crítica da Economia Política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Ao capital interessa a violência, a nós interessa a emancipação**. São Paulo: MST, 2024.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Coletivo Nacional de Cultura. Apresentação: a cultura é nossa vida. *In*: BOGO, Ademar. **O MST e a cultura**. São Paulo: MST, 2009.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Setor de Gênero. **História das mulheres do/no MST através da linha do tempo**. ENFF: São Paulo, 2012. Mimeografado. Não publicado.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Setor de Gênero. **Conspiração dos gêneros**. São Paulo: MST, 2018.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Frente Palavras Rebeldes. Balanço da FPR. *In*: Oficina Nacional da Frente de Literatura Palavras Rebeldes do MST, 2019, São Paulo. **Memória**. São Paulo: ENFF, 2019a. Mimeografado. Não publicado.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Frente Palavras Rebeldes. **Caráter e linhas de ação da Frente Palavras Rebeldes**. ENFF: São Paulo, 2019b. Mimeografado. Não publicado.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Coordenação Geral do Festival Literário do MST. **15 pontos de balanço do Festival Literário do MST**. ENFF: São Paulo, 2025a. Mimeografado. Não publicado.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Programa de Reforma Agrária Popular**. São Paulo: MST, 2025b.

OLIVEIRA, Luana; MORETI, Julio. Percurso da literatura no MST. *In*: Oficina Nacional da Frente de Literatura Palavras Rebeldes do MST, 2019, São Paulo. **Memória**. São Paulo: ENFF, 2019. Mimeografado. Não publicado.

PERCASSI, Jade; GUEDES, Lizandra. Alfabetização e emancipação humana: do pão à poesia alfabetizar, um ato revolucionário. In: BERNAT, Isaac *et al.* **Jornada de Alfabetização do Maranhão:** mobilização popular, cultura e emancipação. São Luís: EDUEMA, 2019.

YOCHIDA, Miguel. Literatura contra hegemônica / Antonio Cândido e o pensamento social brasileiro. In: Oficina Nacional da Frente de Literatura Palavras Rebeldes do MST, São Paulo. **Memória.** São Paulo: ENFF, 2019. Mimeografado. Não publicado.

Recebido: 15/09/2025

Aceito: 01/10/2025